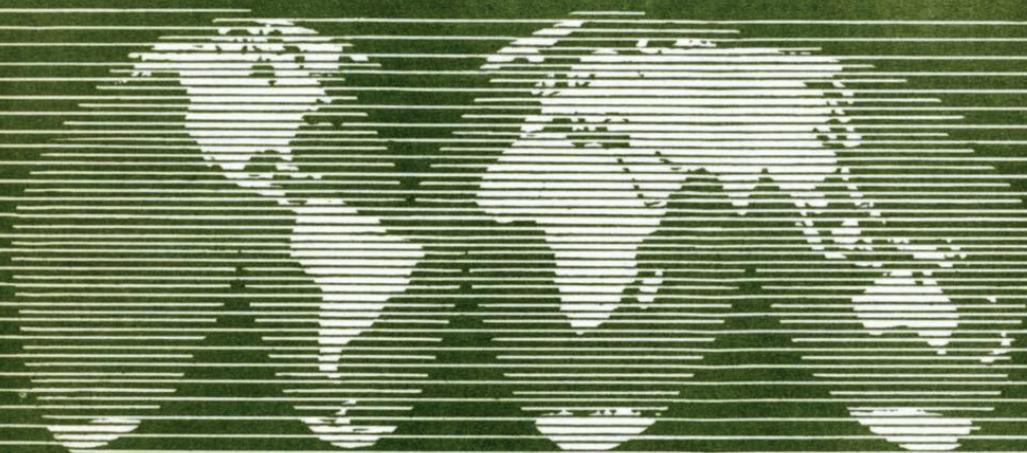


INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Cadernos de Geografia

A MORFOLOGIA URBANA DA «ALTA» DE COIMBRA (*)

— ENSAIO SOBRE O TRAÇADO DA MALHA E SUA EVOLUÇÃO —

ANA PAULA MARGARIDO

RESUMO

Pretende-se estudar o plano urbano do «sítio» original de Coimbra. A casuística dos elementos geradores, particularmente as características físicas do local de implantação dos primeiros habitantes da urbe, estão na origem da forma da cidade. O uso e valorização de técnicas de construção e o arranjo espacial urbanístico imprimiram à cidade a sua traça.

A realidade permanece nos elementos singulares: nos seus monumentos, na abertura de vias de comunicação ou de espaços verdes.

A leitura do plano do núcleo genético obedeceu a uma perspectiva histórico-geográfica. Assim a origem, crescimento, organização e articulação de ruas, a relação destas com os demais espaços livres e espaços construídos, os seus processos de desenvolvimento e alteração, são portadores de uma intenção específica.

Tentámos neste estudo, tanto quanto possível, interpretar esse plano com base na topografia da colina e na dinâmica da população, relacionando-a com fenómenos sociais e económicos.

O resultado a que chegámos não é mais do que uma tentativa de ensaio, registando as alterações a que, desde a ocupação romana até aos nossos dias, foi sujeita toda a área intra-muros com seus reflexos na morfologia urbana.

(*) Importa referir que este texto corresponde ao trabalho que apresentamos em Outubro de 1982 ao Professor Doutor Fernandes Martins. Não sendo mais do que um ensaio é principalmente uma proposta de estudo.

R É S U M É ¹

On prétend étudier le plan urbain du «site» originel de Coimbra. La casuistique des éléments générateurs, particulièrement les caractéristiques physiques de l'endroit d'implantation des premiers habitants de la ville, sont à l'origine de la forme de la ville. L'usage et la valorisation de techniques de construction et l'arrangement spatial urbanistique ont imprimé à la ville son tracé.

La réalité demeure dans les éléments singuliers: dans ses monuments, dans l'ouverture de voies de communications ou des espaces verts.

La lecture du plan du noyau génétique a obéi à une perspective historique-géographique. Ainsi, l'origine, l'accroissement, l'organisation et l'articulation des rues, la relation de celles-ci avec les autres espaces verts et les espaces construits, ses procédés de développement et d'altération, sont porteurs d'une intention spécifique.

Nous avons essayé dans cet étude, le mieux possible, d'interpréter ce plan en nous appuyant sur la topographie de la colline et sur la dynamique de la population la rapportant avec les phénomènes sociaux et économiques.

Le résultat auquel nous sommes arrivés n'est plus qu'une tentative d'essai, enregistrant les altérations à laquelle, depuis l'occupation romaine jusqu'à nos jours, a été soumise toute l'aire intra-muros avec reflets dans la morphologie urbaine.

S U M M A R Y ²

The aim of this work is to study the urban plan of the original site of Coimbra. There is a causal connection between the origin of the shape of the town and the generating elements, particularly the physical characteristics of the settlement areas of the first inhabitants. The use and the importance given to building technique and the spatial urban relationships have left their mark on the town. This is seen today in the different elements: buildings, streets and green areas.

A geo-historical perspective has been followed in the reading of the plan of the genetic nucleus. Thus, the origin, growth, organisation and articulation of the streets, their relation to the other open and constructed places the process of their development and change conveys a specific intention.

In this study we have tried, as far as possible, to interpret that plan using the hill topography and the population dynamics as a basis and relating them to economic and social phenomena.

The result is no more than an attempt at an introduction, registering the changes to which the walled area has been subject from the Roman occupation until nowadays with its reflections on the urban morphology.

¹ Il faut définir que ce texte correspond au travail que nous avons présenté en Octobre 1982 au Professeur Docteur Fernandes Martins. N'étant plus qu'une essai il est surtout une proposition d'étude.

² This text is a result of the paper we delivered to Prof. Dr. Fernandes Martins in October 1982. Being no more than an introduction it is mainly a study proposal.

INTRODUÇÃO

Às vantagens do sítio, Coimbra juntou as vantagens da posição¹. Localizada num ponto de encontro entre a planície e a serra², junto a uma das principais vias de confluência entre o Norte e o Sul³ do País e com um rio acessível e outrora navegável. O «sítio» era naturalmente defendido pelas características topográficas do local.

O Geógrafo Edrisi⁴ descreve *Colimria* como povoação edificada num monte de fácil defesa e dificultoso acesso. A colina é talhada em escarpa tornando difícil a subida quer pela parte Sul e Sudoeste, quer pela parte Norte. Embora a Noroeste o acesso fosse relativamente fácil, a necessidade de reforçar a defesa nesta vertente levou aí à construção do castelo.

Alcandorada, a «Alta» de Coimbra cresce num espaço topográfico que lhe imprime uma fisionomia muito própria. A delimitação e organização do espaço está ligado às relações económicas e sociais vigentes, às técnicas de construção empregues, reflectindo-se, no seu conjunto, na definição de tipologias de estruturas.

O plano é então entendido através da história a partir dos elementos que o constituem. Importa considerar cada elemento de cada rua e cada rua de cada bairro e cada bairro de cada «zona».

A «Alta», no sítio original da cidade, guarda ainda a lembrança do passado. A união entre o passado e o presente está neste mesmo espaço. Recorrendo à história de cada rua e, se possível, à de cada edifício, pode-se tentar explicar a morfologia urbana actual.

A TOPOGRAFIA E A HISTÓRIA DA «ALTA» NA GÉNESE DA MORFOLOGIA URBANA

Alicerçada num morro, constituído por arenitos triássicos em contacto com camadas de calcário do Jurássico, localizada na margem direita do Mondego antes de este entrar na planície aluvial, a «Alta» de Coimbra

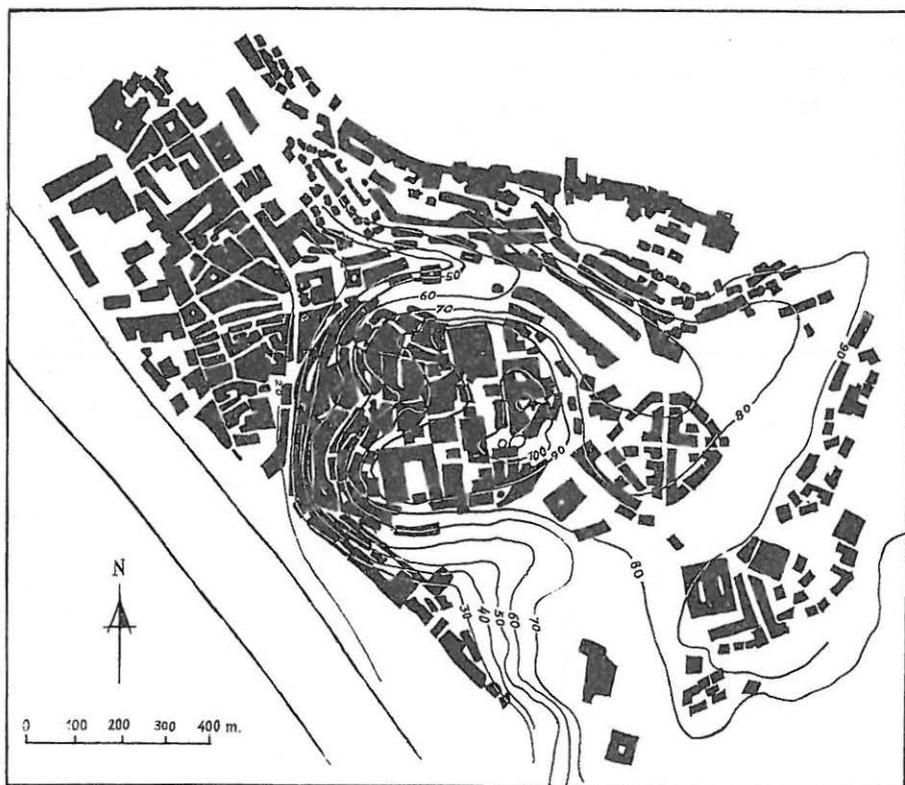
¹ MARTINS, A. FERNANDES, «Esta Coimbra. Alguns apontamentos para uma palestra», in *Cadernos de Geografia*, n.º 1 I. E. G., Coimbra 1983, p. 42, 43.

² No contacto da Meseta ou Maciço Central Ibérico com a orla Mesocenezoica ocidental.

³ No Itinerário de *Antonino Pio* (Coimbra) *Aeminium* aparece como um lugar obrigatório de passagem entre o Sul (*Olissio*) e o Norte (*Bracara Augusta*).

⁴ VASCONCELOS, A. de, *Escritos Vários*, vol. I, Coimbra Editora, 1938, p. 81.

ergue-se numa encosta íngreme que sobe cerca de 80 metros desde a antiga calçada Romana — hoje Rua Ferreira Borges — até ao local onde foi construído o Largo de D. Dinis. (Carta I).



CARTA I — Extracto adaptado da carta topográfica 1/25 000 dos serviços cartográficos do Exército folha 230.

Na extremidade ocidental da cumeada junto à Alcáçova — hoje Faculdade de Direito — a lomba desce em rápido declive para Oeste, cortada pela Rua da Estrela e precipita-se sobre o rio em escarpa abrupta. Na parte Norte quando a cumeada termina, a colina baixa abruptamente até à actual Avenida Sá de Miranda. Na direcção Noroeste, o declive é menos acentuado até ao local do edificio do Colégio dos Orfãos⁵ «despencando» de seguida junto da Igreja de S. Tiago.

⁵ Antigo Colégio de S.to Agostinho adaptado hoje para o funcionamento da Faculdade de Psicologia.

A forma topográfica do conjunto define-se por uma colina fendida a meio, à qual Fernandes Martins chamou expressivamente «cutilada». Esta inicia-se numa pequena cumeada onde assentava o castelo, desce em seguida para ocidente em rápido declive, ocupando a depressão onde se localizavam as ruas do Marco-da-Feira e do Rego-de-Água, seguindo pela Rua das Covas — hoje Borges Carneiro. No termo desta rua, junto ao largo da Sé Velha, a inclinação não é tão acentuada, estabelecendo-se um patamar defronte da Igreja, para em seguida se precipitar pelo barranco do Quebra-Costas, até ao «degrau» onde se localizava a calçada Romana ⁶.

A crista do monte onde assenta o núcleo genético de Coimbra ocupa hoje uma superfície mais ou menos aplanada segundo a orientação Oeste-Este ao nível dos 90 metros, correspondendo à rua que liga a antiga Alcáçova à Praça de D. Dinis. Uma forma topográfica semelhante, mas com cota inferior, pode observar-se na Rua da Matemática.

Pela análise da Carta I pode verificar-se que ocorreram alterações na topografia. As cotas máximas localizavam-se, com uma direcção Norte-Sul, entre o colégio Real das Artes ⁷ e o Castelo ⁸ e no local onde foi constituído o Departamento de Matemática.

A praça D. Dinis e o departamento de Matemáticas foram construídos sobre uma superfície artificial resultante de um arrasamento.

Assim a morfologia urbana de «Alta» de Coimbra deverá ser entendida como o resultado não só de uma forma topográfica particular, mas também da criação humana.

A defesa foi a razão da fixação neste local ⁹. Factos políticos, económicas e sociais marcaram profundamente o desenho do plano urbano actual. As heranças romana, muçulmana, moçárabe e cristã segundo épocas históricas que medeiam desde a Antiguidade à época medieval, renascentista, oitocentista e do nosso século podem ler-se nos elementos do plano. Na abertura de ruas, largos, na construção de espaços residenciais e de comércio, as soluções não obedecem somente à forma topográfica da colina, mas têm na sua génese o cunho profundo da cultura de cada povo e de cada época do urbanismo.

Podem marcar-se como fundamentais para o crescimento da cidade

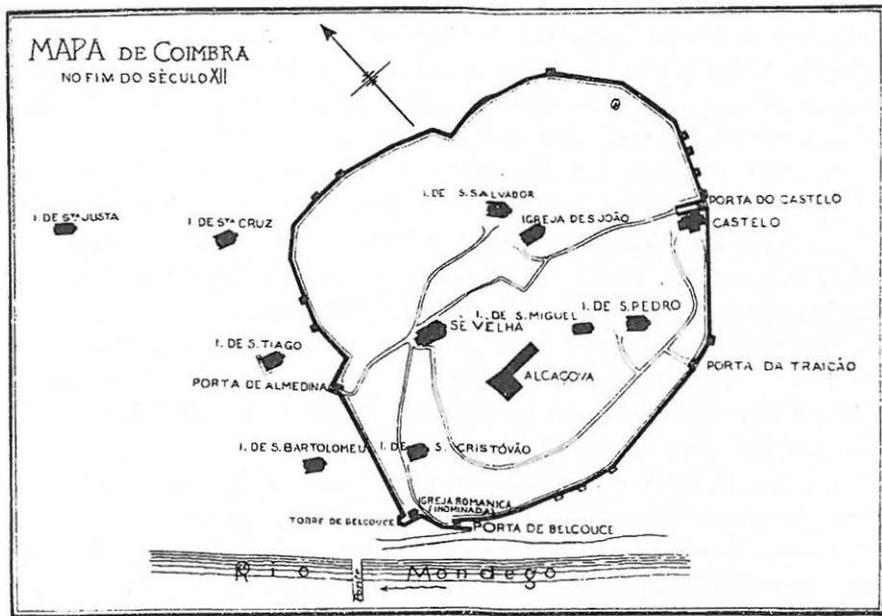
⁶ VASCONCELOS, A., *Sé Velha de Coimbra*, Imprensa da Universidade. Coimbra, 1930. Vol. I, p. 83.

⁷ Hoje pertence ao conjunto dos edifícios do antigo Hospital da Universidade de Coimbra.

⁸ Estava situado ao cimo as escadas monumentais construídas no século XX.

⁹ Para além da existência de água em local próximo devido às condições especiais de disposições das camadas sedimentares.

dois períodos históricos: o primeiro ligado à reconquista e reorganização da cidade pelo Moçárabe D. Sisnando no século XI¹⁰ (Carta II), o segundo ao regresso da Universidade para Coimbra em 1537. Não fora o regresso da Universidade e hoje a Almedina seria uma freguesia praticamente des-



CARTA II — in António de Vasconcelos, *Sé Velha de Coimbra*, vol. I., p. 85.

povoada ou com pouca importância económica e social, pois as dinculdades de tráfego, dada a morfologia das ruas da Alta, não propiciavam as trocas comerciais que então se desenvolviam e prosperavam na parte baixa da cidade.

Mais tarde e ainda em consequência da presença da Universidade, a Reforma Pombalina esteve na origem de importantes mudanças morfológicas e estruturais, originadas principalmente a partir da necessidade de reformular o ensino, dotando-se de instalações próprias e de traça europeia (Carta III). Foram construídos o Museu de História Natural, Laboratório Químico, Observatório Astronómico, «a elegante colonata da via Latina», o Terceiro Piso dos Gerais, o Jardim Botânico, etc.

¹⁰ «Muitos moçárabes tutelados pela sua eficaz protecção são atraídos para a região» AMORIM GIRÃO, *Civitates Aeminiensis*, in Instituto, Gráfica de Coimbra 1943, p. 83.

A cidade intra-muros não sofre grandes alterações até ao século XX. Na primeira metade do século, alguém define a cidade no seu aspecto arquitectónico da seguinte forma: «Na colina as casas antigas construídas até 1850 aproximadamente são arquitectonicamente boas, apresentando conjuntos harmoniosos. As casas da segunda metade do século XIX arquitectonicamente feias mas ainda construídas numa só ala paralela à Rua e tendo quintais nas traseiras. Ao contrário das casas do século XX, sobretudo as casas de rendimento destes últimos anos, ocupam exageradamente o solo. É o triunfo da especulação predial e construtiva em prejuízo da higiene mental e física dos habitantes ¹¹». Estávamos em 1940 quando o autor deste extracto o escreveu. Por volta da mesma época, grande parte da área urbana que ocupava a linha de cimos mais ou menos aplanada, foi destruída, desaparecendo com ela as ruas e edifícios (carta IV), ao mesmo tempo que se modificava a própria superfície topográfica sobre a qual foram edificadas as Faculdades.

— EVOLUÇÃO DA MALHA URBANA —

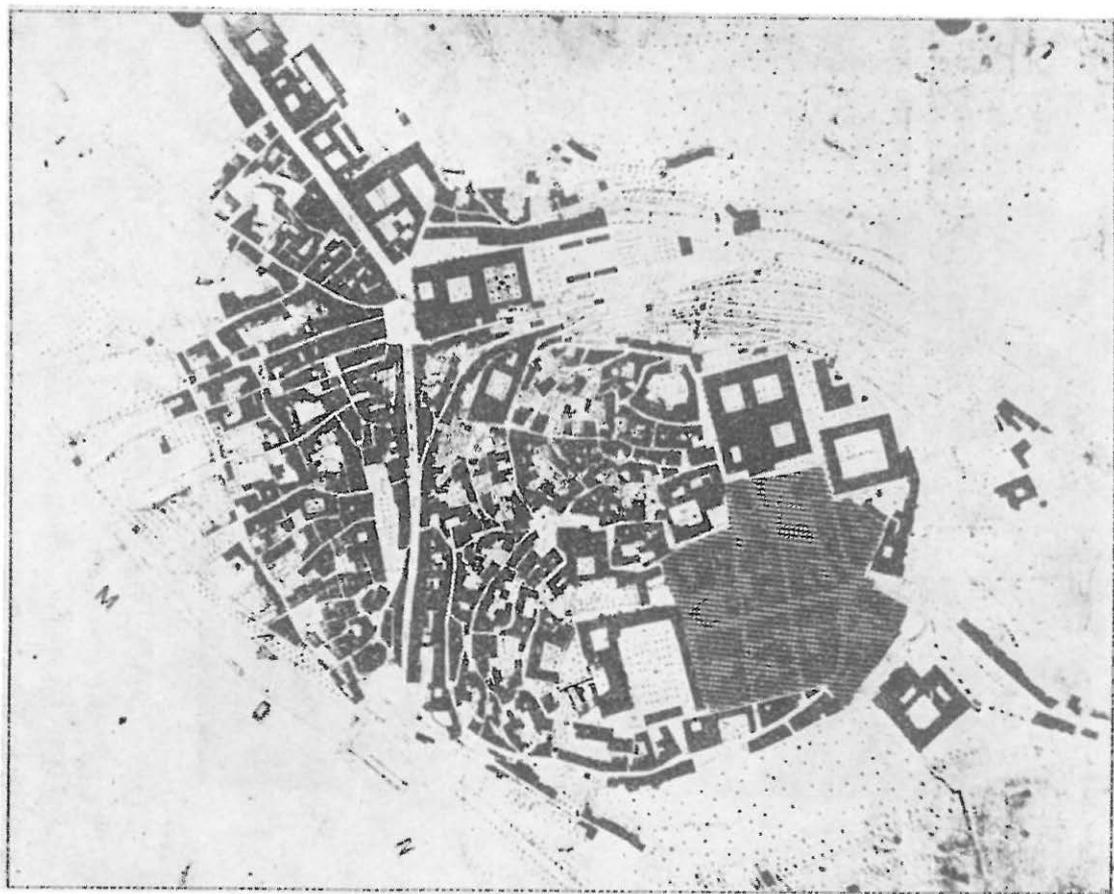
O núcleo genético foi crescendo ao longo dos séculos, mas sempre cingido pelas muralhas que para além da razão defensiva actuaram também como elemento de separação física e social entre dois núcleos — a Alta e a Baixa de Coimbra — com características bem peculiares.

A muralha partia do Castelo na direcção Norte (carta II), contornava o monte coroando a escarpa, seguia depois para Oeste em direcção ao que mais tarde se designaria por Couraça dos Apóstolos ¹². No local onde a Couraça dos Apóstolos termina e começa a Rua do Colégio Novo abria-se a Porta Nova. O pano de muralha corria junto à Rua de Sub-Ripas, pela parte exterior e descia a festo até à Porta de Almedina que se localizava a uma cota aproximada de 30 metros. A muralha continuava na direcção sul, nas traseiras da actual Rua Fernandes Tomás ¹³, e passava pela Rua da Estrela até à Porta de Belcouce, fectia então para Este acompanhando o actual percurso da Couraça de Lisboa e seguia depois, passando pela Porta de Traição, na direcção Noroeste até à Porta do Sol ou do Castelo.

¹¹ *Arquivo Coimbrão*, Boletim da Biblioteca Municipal, Coimbra, 1945, vol. VIII, p. 6.

¹² As casas que foram aí construídas estão alicerçadas sobre as fundações das muralhas

¹³ Nas paredes das casas podem ainda encontrar-se restos da muralha.



CARTA IV — Planta topográfica (Redução).

IRMÃOS GOULLARD — 1873 in *Arquivo Coimbrão*, vol. XXIII, Est. IV
um quarto da «Alta» foi destruído

Um dos primeiros tramos a definir-se como local de passagem foram as artérias que circulavam a *Medina Colimria* acompanhando o traçado da muralha e encontrando-se junto a esta pelo lado de dentro.



FOT. 1 — Rua Fernandes Tomás (1982).

A forma das ruas, definidas junto aos troços de muralhas que olhem a Norte e a Sul, são semelhantes, adoptando ambas ladeiras íngremes para vencer o declive — as couraças. Na couraça dos Apóstolos foi construído um lance de escadas que facilita a circulação pedestre. Por outro lado a Rua Fernandes Tomás acompanha o troço sudoeste, sendo por isso menos íngremes e mais estreita que as anteriores (foto 1). As características

topográficas e a importância social e económica que ela conheceu ao longo dos tempos impuseram-lhe uma estrutura e uma compleição bem diferente das outras artérias que acompanham o pano da muralha.

Tentámos definir o percurso da cerca embora de forma sucinta, e a morfologia dos traçados que ao longo dos tempos se constituíram como artérias de importância vital para a circulação e que se organizaram em função da muralha.

A malha intramuros é caracterizada pela existência de dois tipos morfológicos (a área que olhe o Norte e a que olhe o Sul) *grosso modo*, separados por uma depressão. Esta «cutilada» ocupava a artéria de maior importância na circulação pedestre da época, que aliás ainda ocupa na actualidade, estabelecendo a ligação entre a Porta do Castelo e a Porta da Almedina (cfr. carta II).

Na área da colina que olha o Norte e Noroeste o traçado apresenta-se com diferentes tipologias embora a situação topográfica seja idêntica. A solução técnica adoptada para vencer o declive foi: ou a construção de escadas em vários lances — rua que liga a Rua do Salvador à Rua da Boa-Vista; articulação entre R. Salvador e a Rua do Cabido; entre a Rua do Loureiro e a do Salvador —, ou as linhas quebradas em zigue-zague — Beco do Arnado —, ou ainda a festo — Rua do Loureiro (foto 2). Se as duas primeiras formas são o resultados da necessidade de «adoçar» o declive, tornando a subida mais amena, a segunda forma adoptada na rua do Loureiro é estranha, parecendo resultar da necessidade de ligar, no meio curto espaço, duas áreas de importância capital — Largo da Feira e Rua Colégio Novo (carta V).

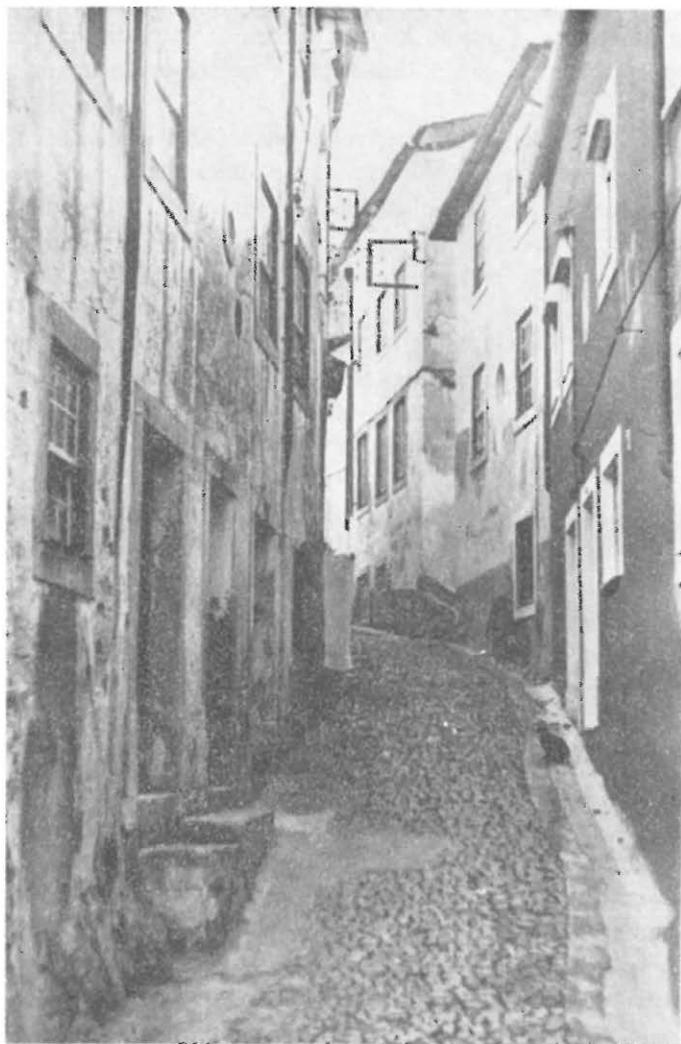
Nesta área existe ainda outro tipo morfológico resultante da abertura de ruas segundo o traçado das curvas de nível, em geral — Rua de Sub-Ribas, Rua dos Coutinhos, Rua Colégio Novo e Rua João Jacinto.

Toda esta área de colina que olhe a Norte tem pois uma compleição própria, que se reflecte não só no tipo de espaços de circulação ou construídos como ainda na existência de um maior número de espaços verdes (quintais). Estes ocupam grandes áreas e estão talvez ligados ao facto de aí se localizar um núcleo de urbanização mais recente relativamente à área que olha a Sul.

As referências que encontrámos, por exemplo, para a Rua do Loureiro são do século XV, não tendo sido até aí encontrado qualquer documento. Talvez a sua origem esteja ligada à passagem obrigatória entre as ruas que lhe ficam de um e outro lado. De facto, na carta do século XII o tecido urbano desenvolve-se a sul da Rua do Cabido, única existente nesta área.

O povoamento fazia-se preferencialmente junto às Igrejas e por isso defronte destas geralmente existia um largo para reunião, daí a origem do Largo do Salvador. A Rua do Cabido ligava directamente o Largo do

Salvador ao Largo da Sé Velha. Mas o largo podia surgir também do entroncamento de várias ruas como é o caso do Largo da Matemática.



FOT. 2 — Rua do Loureiro (1982).

A construção adensou-se junto aos largos que eram tanto mais amplos quanto mais importante eram as funções que aí decorriam. Nas construções

foi mais intensamente ocupada que na Baixa Idade Média e Renascimento (a partir do século XIV) por cristãos devotos e fiéis que organizaram o espaço em função de Igrejas como S. João, Sé Velha e Salvador.

Na encosta que olha a Sul e Sudeste a estrutura fundamental diverge do que temos vindo a referir. O vigor da topografia aliada a uma concepção



For. 3 — Travessa entre a Rua da Ilha e a Rua de S. Cristóvão (1982).

urbanística diferente imprimiram ao plano urbano um desenho de escadas e ruelas estreitas e desalinhadas que regra geral terminam em becos (foto 3). A articulação das ruas é feita utilizando frequentemente a escada em vários lances como solução técnica que, embora facilite a circulação pedestre, obsta o motorizado (fotos 4 e 5). José Pinto Loureiro ao referir-se a este espaço diz que o «perfil [é] caótico e inconcebível, sem paridade com qualquer outra cidade antiga e moderna»¹⁴, mas na verdade ele não é mais do que

¹⁴ LOUREIRO, José Pinto, *Toponímia Coimbrã*, vol. II, ed. Câmara Municipal de Coimbra, 1964, p. 188.

a marca de um certo sentido social, o de viver na intimidade e para dentro tão comum nas cidades árabes e muçulmanas (foto 4).

Se tivermos em conta a permanência dos Moçárabes na cidade e a influência cultural que exerceram, facilmente compreenderemos o dédalo de



FOT. 4 — Escada entre a Rua Joaquim António de Aguiar e a Rua Fernandes Tomás (1982).



FOR. 5 — Escada entre a Rua Guilherme Moreira e a Couraça de Lisboa (1982).

ruas dos Palácios Confusos (foto 6), a existência da Alcáçova e a designação de Almedina, correspondente esta última a toda a área muralhada ¹⁵.



FOT. 6 — Palácios Confusos. À direita pode ver-se o cunhal da Casa das Cruzes, hoje destruída (1982).

Para além dos Palácios Confusos e dos arruamentos referidos, a morfologia urbana desta área é ainda marcada por três eixos de importância

¹⁵ VENTURA, Leontina Domingos refere na obra «A Muralha Coimbrã na documentação Medieval», *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, 1979, p. 43, que aqui se estabeleceu «foco mais poderoso do moçaberismo na região ocidental».

fundamentalmente na génese e desenvolvimento da urbe. Dois deles partem do largo da Sé Velha — Rua da Ilha e Rua Joaquim António de Aguiar — a terceira, citada anteriormente — Rua Fernandes Tomás — liga a Porta da Almedina à Porta de Belcouce, depois de passar pela Rua da Estrela. De forma idêntica, o traçado destes eixos é geomórfico, oferecendo linhas de penetração segundo as curvas de nível a quem das três principais portas da cidade se quisesse dirigir para o centro cívico medieval — Sé Velha.

A Rua Fernandes Tomás tinha uma localização privilegiada, sendo local obrigatório de passagem a quem de carro quisesse chegar ao Largo da Sé Velha entrando pela Porta de Almedina, dada a impossibilidade de transpor o barranco do Quebra-Costas. Aquela rua foi também conhecida pela Rua das Fangas, talvez por aí ter existido um mercado de cereais¹⁶. As referências são do século XV, desconhece-se o ambiente comercial local anterior a este século. Mais tarde, já no século XVII e XVIII foi implementado o comércio de livros que associado à existência de oficinas de imprensa na área, muito contribuíram para o crescimento e desenvolvimento económico. A construção intensificou-se no local onde corria a muralha. Alguns dos edifícios que aí encontramos testemunham-na pelo material utilizado, não só nos alicerces como nas paredes traseiras coalescentes com as edificações da Rua Ferreira Borges.

As outras duas ruas — da Ilha e Joaquim António de Aguiar — por facilitarem o tráfego viário foram pertinentes no desenvolvimento social e económico da época. Na rua Joaquim António de Aguiar localizava-se a Igreja de S. Cristóvão embora já no limite da rua junto aos Palácios Confusos. Aquela rua era também conhecida pela Rua do Corrieio, toponímia resultante de uma das principais funções desta artéria. A rua da Ilha estende-se do cunhal poente-sul da Sé Velha (foto 7) ao topo Norte da rua Dr. Guilherme Moreira. O eixo formado por estas duas vias era já de grande importância no século XII (cfr. carta II) articulando-se entre a Sé Velha e o Castelo, contornava a base da Alcáçova entre as curvas de nível dos 70 e 80 metros.

O largo da Sé Velha ocupa um espaço central à cota aproximada de 60 metros a meia encosta entre a Rua Ferreira Borges e a superfície mais ou menos aplanada dos 90 metros. Está localizado entre os dois tipos morfológicos já referidos (o que olha a Norte e o que olha a Sul). A sua origem está ligada ao culto. A. Vasconcelos afirma que mesmo antes da reconquista

¹⁶ LOUREIRO, J. Pinto, op. cit., vol. I, p. 350.

cristã em 1064, nesse local já existia a Igreja de Santa Maria. Mais afirma o autor que a mesma se encontrava em área declivosa e cercada pelo adro



FOT. 7 — Aspecto parcial do Largo da Sé-Velha. Em frente pode ver-se o início da Rua da Ilha (1982).

do cemitério¹⁷. Só no século XII, é construída, desde os alicerces, a actual Sé Velha, depois de destruição da primitiva Igreja.

¹⁷ VASCONCELOS, A., *op. cit.*, p. 107.

O Largo da Sé Velha actuou como um dos elementos fundamentais na genética do plano urbano de Almedina. Aí se adensava a construção e foi aí que se localizaram a «domus municipalis»¹⁸ e o pelourinho, símbolo da dignidade concelhia, mais tarde transferido para o Torre do Arco da Almedina e Praça Velha, respectivamente.

As modificações estruturais que foram praticadas nesta área ao longo dos séculos estiveram sempre ligadas à aquisição de casas para demolição, a fim de tornar cada vez mais espaçoso o adro de frente da porta principal da Sé Velha¹⁹. A rua dos Gatos é um exemplo, ter-se-á fraccionado ao longo dos tempos, restando dela, como vestígio, o Beco da Carqueja.

Partem da parte Norte do adro 4 ruas: Ruas dos Coutinhos, do Cabido, do Norte e das Covas²⁰ — toponímia talvez utilizada em alusão às sepulturas abertas no adro — dava acesso à Igreja de S. João de Almedina (carta III), continuando o seu percurso por onde eram as ruas do Rego de Água e do Marco de Freira, terminaria na Porta do Castelo.

A Rua do Cabido partia de frente da porta lateral da nave do Evangelho e contornando à direita pela encosta acima, adaptando-se em curvas à topografia, que é bastante acidentada, dava acesso à Igreja do Salvador.

A rua e escadas do Quebra-Costas localizam-se a poente do Largo da Sé Velha, ligando-o à Porta de Almedina. A construção das escadas e a abertura da rua sobrepõem-se a um tramo do sulco de depressão que tem origem junto ao colégio de S. Jerónimo e termina na antiga calçada Romana (foto 8). A Rua do Quebra Costas foi também conhecida pela Rua dos Fiveiros e Rua das Tendas — na parte que corresponde à Rua do Quebra-Costa — possivelmente por aí existirem «lojas... onde se vendia alguma coisa»²¹.

¹⁸ Idem, idem, p. 34.

¹⁹ Nos fins do século XVI o bispo D. Afonso C. Branco mandou ampliar este adro e construir uma escadaria que lhe dava acesso pelo lado poente demolido em 1775. «Só no segundo quartel do século XIX se procedeu ao alteamento do actual Largo da Sé Velha». Segundo o mesmo autor o adro da Igreja da Sé Velha «o primitivo (...) antecessor ao actual (...) compreendia o espaço em volta e ainda no séc. XV se adensavam consideravelmente em especial na parte poente da fachada principal da Igreja» segundo *Arquivo Coimbrão*, vol. VIII, pp. 46 e 211.

²⁰ Há ainda quem diga que a rua era conhecida no século XIII por *vico de covis* o que poderá estar relacionado com «misteriosas galerias do criptopórtico a descoberto e que perfeitamente cobria o nome de covas ou faveos...» FERRAZ DE CARVALHO, *Toponímia de Coimbra*, p. 102-103, e ainda JORGE ALARCÃO, «As origens de Coimbra» in *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte de Coimbra*, Coimbra, 1979, p. 34.

²¹ LOUREIRO, J. P. *op. cit.*, vol. II, p. 246.

Partiam ainda do Largo da Sé Velha a Rua José António de Aguiar e a Rua da Ilha, importantes para a circulação viária. A rua da Ilha ainda no século XVIII comunicava directamente com a Rua do Norte através do Beco



FOT. 8'— Escadas do Quebra-Costas (1982).

do Miranda e da Rua de S. Miguel. O Beco do Miranda era tortuoso e a estreito e corria entre as edificações do Cabido de um lado, e o edifício dos Grilos e quintais da Universidade do outro. Nesse espaço veio-se a construir o claustro e as casas anexas.

Desde o topo das escadas do Quebra-Costas, onde se inicia o Largo da Sé Velha, até à superfície de cimos mais ou menos aplanada e onde hoje

se localizam as Faculdades — subindo pela Rua do Norte ou pela Rua Borges Carneiro — a diferença de cota é de aproximadamente 30 metros, sendo o declive por isso bastante acentuado, principalmente no início das referidas ruas. Para que a circulação fosse possível nesta área traçaram a Rua do Norte e a Rua Borges Carneiro, aproximadamente em ângulo recto.

Acima da cota dos 90 metros a topografia tem características particulares correspondentes a uma superfície grosseiramente aplanada²². Foi aí que surgiu a partir da segunda metade do século xx a cidade universitária, provocando a destruição de quase toda a área de longa tradição histórica que estava intimamente ligada com os tempos áureos do aglomerado urbano (carta IV).

A construção da Biblioteca Geral, das Faculdades de Letras, Medicina e Ciências e Tecnologia e dos Departamentos de Matemática é posterior à demolição e consequentes alterações ocorrida nos anos quarenta. Verificaram-se mudanças não só na morfologia urbana como na própria geomorfologia. Pela análise do extracto da carta topográfica 1/25.000 dos serviços cartográficos do exército, que foi adaptada para este trabalho com a finalidade de reconstruir a forma topográfica inicial, pode observar-se que toda a área onde foi construído²³ o Departamento de Matemática, a Praça de D. Dinis e parte da Faculdade de Medicina era de cota superior atingindo em algumas áreas os 110 metros. A superfície que hoje observamos é artificial e surgiu na sequência de um erro de cálculo aquando da construção das Escadas Monumentais que ficam defronte da Praça de D. Dinis e que ligam a «cidade universitária» com a Rua Oliveira Matos. O testemunho deste aterro pode ainda ver-se na parede do antigo Colégio das Artes, hoje dependência do Hospital da Universidade.

Até 1940 a morfologia urbana desta área era caracterizada por um plano grosseiramente ortogonal à semelhança de um sistema organizado ou planeado.

A rua Larga era a rua principal entroncando nela, de nascente para poente (carta III), as Ruas dos Lóios, de S. João e do Norte — lado Norte; as Ruas Momplier, S. Pedro, Entre-colégios, — no lado sul. A Rua dos Lóios e a Rua S. João continuavam com a direcção Norte-Sul na Rua da Borralha (Momplier) e rua de S. Pedro depois de atravessar quase perpendi-

²² A forma topográfica que hoje observamos na área da Universidade é consequência da terraplanagem feita para posterior construção das Faculdades que hoje existem. Sempre que possível daremos uma imagem da morfologia existente anteriormente.

²³ As curvas de nível desenhadas na carta I são o resultado da adaptação feita a partir da topografia na carta aerofotogramétrica da cidade de Coimbra 1/2000 1956 folha 9 E.

cularmente a Rua Larga. A Sul da Rua Larga e paralela a esta ficava a Rua da Trindade. A Rua Entre-Colégios prolongava-se para Norte na Rua do Norte que ficava paralela à Rua dos Coutinhos.

A Rua do Rego de Água era uma viela curta e estreita mas de importância fundamentalmente por fazer a articulação entre o lado Sul do Largo da Feira e o Largo José Rodrigues²⁴. Todo este conjunto desapareceu com as obras já referidas. Este último largo estendia-se ao topo Norte da Rua Sá de Miranda até ao Arco do Bispo. A Rua das Colchas, Rua do Rego de Água e Rua Borges Carneiro articulavam-se com a Rua Sá de Miranda. O Largo da Feira era delimitado por casas do lado nascente e poente e na parte norte pela Sé Nova e Laboratório Universitário. Aí desembocavam as Ruas dos Estudos, Rua Eduardo Pestana, Rua do Arco do Bispo e Rua das Colchas.

Assim enquanto a Rua Larga funcionou como a geratriz do plano da parte mais elevada do casco antigo, pelo facto de ser uma das artérias de maior importância no sistema viário da época (meio de ligação entre o Paço Real das Escolas, antiga Alcáçova, e o Castelo), o Largo da Feira organizou o espaço em função das actividades comercial e lúdico.

Se remontarmos à ocupação romana de *Aeminium*²⁵ decerto temos que referir o local do Paço do Bispo, hoje Museu Machado de Castro, por aí ter existido o *Forum* construído sobre um criptopórtico do qual ainda restam testemunhos. Será lícito tentar discernir no plano urbano vestígios do traçado Romano, com as implicações resultantes na organização especial em termos morfo-funcionais?

Segundo autores de reconhecido mérito, o traçado rigoroso das Ruas da cidade romana é indeterminável, pois os únicos edifícios romanos até hoje descobertos²⁶ são insuficientes para se poder determinar a orientação dos arruamentos. Poder-se-ão imaginar, todavia, que a Porta do Sol (Porta do Castelo) já existia nessa época, embora com uma compleição diferente da medieval. Daí divergiam possivelmente duas vias: uma seria, segundo Jorge Alarcão, a rua Larga que conduzia ao local hoje ocupada pela Faculdade de Direito e onde teria existido um importante edifício romano; outra via descia do local da Porta do Sol passando pelo Largo da Freira e seguiria

²⁴ Também conhecido por Largo do Bispo.

²⁵ Cidade Luso-Romana.

²⁶ O criptopórtico e a cova em frente da Sé Nova são os únicos edifícios conhecidos embora se tenham encontrado vestígios em diversos pontos do recinto amuralhado da cidade. «por toda a área do castelo tomamos em direcção ao Paço do Bispo e à Universidade», como refere JORGE ALARCÃO, *op. cit.*, p. 39.

pela Rua Rego de Água, Rua das Covas (hoje Borges Carneiro) — até ao Largo da Sé Velha. Supondo que este seria o principal eixo viário da cidade romana, orientando-se sensivelmente Este-Oeste, seremos levados a pensar que a Rua S. João ou Sá de Miranda prolongando-se pela rua de S. Pedro com a orientação Norte-Sul, e cortando a Rua Larga num ângulo próximo dos 90 graus, seria o *cardus*. Nogueira Gonçalves considera que este último tramo, que passa defronte do local onde se localizava o *forum*, é um corte artificial do século XVI²⁷. Se o plano que encontramos neste espaço no início do século não está relacionado directamente com a ocupação romana porque é que ele se definiu daquela forma?

Na tentativa de explicação teremos que ter presentes os condicionalismos históricos e sociais, para além dos da topografia, que já referimos.

A área que apresentámos insere-se numa mais vasta — A Alta — que, com o regresso da Universidade, em 1537, sofreu modificações e foi cuidadosamente preparada para que aí fosse ministrado o ensino.

Poderá ser esta a causa da estrutura fundamental urbana deste espaço, quer no que respeita ao traçado regular, quer à altura e ocupação basal dos espaços construídos, quer ainda à largura mais uniforme das ruas. Embora toda esta área tivesse sido habitada anteriormente, os elementos estruturais muito diferem dos da Almedina Medieval (foto 9). Com o Renascimento e mais tarde com a Reforma Pombalina, o traçado modifica-se. Verificou-se a construção de edifícios novos ou a remodelação de outros e o alargamento do próprio espaço intra-muros e partir da destruição da muralha e castelo medieval. Procedeu-se ao alinhamento das ruas depois de se terem previsto novas dimensões de largura e comprimento, muitas vezes em consequência de demolições. As preocupações de ordem estética e lúdica levaram à pavimentação de ruas e plantação de árvores.

A carta III oferece-nos a imagem da diferenciação dos espaços em consequência não só da topografia mas da organização funcional. Pretendeu-se agrupar funções que eram as dominantes — ensino — e que também foram os responsáveis pelo crescimento da própria cidade.

Ao aumento da população estudantil na primeira metade do século XX, mais uma vez correspondeu a concentração na parte mais elevada do morro e num perímetro reduzido, de todas as actividades universitárias.

O espaço físico era limitado. Daí terem desaparecido a Rua Larga, a Alameda de Camões e construções adjacentes, o edifício da Faculdade

²⁷ ALARCÃO, Jorge, *op. cit.*, p. 39.

²⁸ MARTINS, A. Fernandes, *op. cit.*, p. 77.

de Letras, o Museu Antropológico, o Governo Civil e a Associação Académica para além dos quarteirões residenciais e comerciais. Também o Largo da Freira, Rua dos Estudos, Rua do Rego da Água, Rua das Colchas, Rua do Borrolho, dos Lóios, do Forno, dos Militares e parte da Rua S. Pedro e das Covas — hoje Borges Carneiro — desapareceram do espaço urbano.



FOR. 9 — Pormenor da construção na Rua do Salvador. É de salientar que as casas assentam directamente sobre as formações calcárias (1982).

Próximo do local onde assentou o antigo castelo surgiu a Praça de D. Dinis, o Departamento de Matemática, a Faculdade de Ciências e Tecnologia cuja morfologia física, urbana e social nada tem a ver com a anterior, tão diferente e peculiar.

Muitos dos edifícios renascentistas ou setecentistas guardam ainda a mesma estrutura, tendo sido adaptados a outras funções. São exemplo alguns colégios: o Colégio Real de S. Pedro, o da Trindade, o de S. Jerónimo, o dos Bôrras, o de Jesus, o de S. Tomás, o de Santa Rita, o de Santo António de Pedreira, o de Santo António da Estrela, o de Santo Agostinho, testemunham ainda pela presença física a sua existência em tempos idos, embora ligados a funções diferentes das que ocupam hoje. Os colégios de S. Boaventura, S. Paulo Gremisa, dos Lóios e dos Militares desapareceram do plano urbano.

Nos anos quarenta a «velha Almedina» perdeu grande parte da «sua castiça e bem peculiar, fisionomia coimbrã» porque a memória do passado o testemunho das gerações apenas perdura na lembrança de alguns.

BIBLIOGRAFIA

ANAIIS DO MUNICÍPIO DE COIMBRA DE 1840-1969 — Coimbra.

ALARCÃO, Jorge — «As origens de Coimbra» in *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte de Coimbra*. Coimbra 1979.

BRITO, A. da Rocha — «Uma carta topográfica de Coimbra em 1845» in *Arquivo Coimbrão*, (Boletim da Biblioteca Municipal) volume VIII, Coimbra, 1945.

CAMPOS, J. C. Ayres — *Índices e sumários dos livros e documentos mais antigos e importantes do Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra (1867-1871)*, Coimbra, 1869.

CARVALHO, F. A. Martins de — *Portas e Arcos de Coimbra* ed. da Biblioteca Municipal de Coimbra, Coimbra, 1942.

CARVALHO, J. Branquinho de — *Evolução de Coimbra* ed. da Biblioteca Municipal, Coimbra, 1956.

CORREIA, António — «Toponímia Coimbrã» in *Arquivo Coimbrão* (Boletim da Biblioteca Municipal) volume VIII, Coimbra, 1945.

DIAS, Pedro — *Coimbra, Arte e História* — os monumentos. Paisagem, ed. Porto, 1983.

FIGUEIREDO, A. C. Borges — *Coimbra Antiga e Moderna*, ed. 1886.

GIRÃO, Amorim — «*Civitates Aeminiensis*» (Subsídios para um estudo geográfico da cidade de Coimbra) in *Coimbra*, colectânea de estudos organizados pelo Instituto de Coimbra e dedicado à memória do seu consócio Honorário Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Gráfica de Coimbra, 1943.

- GUIA DE PORTUGAL vol. III — *Beira Litoral, Beira Baixa e Beira Alta* ed. Biblioteca Municipal de Lisboa, 1944.
- LOUREIRO, José Pinto — *Toponímia de Coimbra*, vol. I e vol. II ed. da Câmara Municipal, 1964.
- MARTINS, Alfredo Fernandes — *O esforço do homem na bacia do Mondego*, tese de licenciatura em Ciências Geográficas na Universidade de Coimbra, Coimbra, 1940.
- MARTINS, Alfredo Fernandes — «*A Porta do Sol*, Contribuição para o estudo do cerco medieval Coimbrão», in *Biblos*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1951.
- MARTINS, Alfredo Fernandes — «*Esta Coimbra*, Alguns apontamentos para uma palestra», in *Cadernos de Geografia* n.º 1, 1983. Instituto de Estudos Geográficos de Coimbra.
- MASCARENHAS, D. Jerónimo — *História da cidade de Coimbra* (Manuscrito do séc. XVII) Coimbra, ed. da Biblioteca Municipal, 1956.
- SILVA, Armando Carneiro — *Evolução física da cidade* cap. 5 in Arquivo de Coimbra (Boletim da Biblioteca Municipal) vol. XXIII, Coimbra, 1968.
- VASCONCELOS, António de — *A Sé Velha de Coimbra* vol. I vol. II, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930.
- — *Escritos Vários* vol. I, Coimbra editora, L.da, 1938.
- VENTURA, Leontina — «A muralha Coimbrã na documentação medieval» in *Actas das I jornadas do grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, 1979.

CARTAS UTILIZADAS

- Carta topográfica dos Serviços Cartográficos do Exército — 1:25 000, 1974.
- Carta topográfica do levantamento aerofotogramétrico da cidade de Coimbra—1:1 000, 1956 folha 9E.
- «Planta topográfica (Redução) Irmãos Goullard» 1873 in *Arquivo Coimbrão*, vol. XXIII (vide bibli.).
- «Planta topográfica da cidade e arrabalde de Coimbra levantada e desenhada por Izidro Emilio Baptista, 1845 in *Anais do Municipio de Coimbra 1840-1869* (vide bibli.).